ORIENTAÇÃO CARTOGRÁFICA: a experiência do percurso

ORIENTACIÓN CARTOGRÁFICA: la experiencia del percurso

CARTOGRAPHIC ORIENTATION: The experience of the route

Lígia Maria Brochado de Aguiar
ligiamaria.baguiar@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar o desenvolvimento e reflexões sobre a Oficina de Orientação Cartográfica, oferecida para alunos do Ensino Fundamental de uma escola de São João del-Rei. Essa Oficina foi desenvolvida por alunos da disciplina Estágio Supervisionado I, do Curso de Geografia, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Além de trabalhar a Orientação segundo os princípios da Cartografia, a Oficina procurou oferecer uma situação de ensino, em que o percurso proposto se constituía em uma experimentação capaz de sensibilizar os alunos de forma não representativa. A ideia era delinear novos caminhos: não apenas aqueles que se revelam em nossos deslocamentos, mas, também, em nossos autodeslocamentos, movimentos.

Palavras-chave: Cartografia; Orientação; Percurso; Experiência; Bússola.

Resumen: El objetivo de este trabajo es presentar el desarrollo y reflexiones sobre el taller de orientación cartográfica, ofrecido a los alumnos de la escuela elemental de un St. John del Rei. Este taller fue desarrollado por estudiantes de la disciplina de prácticas supervisadas I, del curso de geografía, de la Universidad Federal de São João del-Rei (UFSJ). Además de trabajar la orientación según los principios de la cartografía, el taller buscó ofrecer una situación docente, en la que la ruta propuesta era un experimento capaz de sensibilizar a los estudiantes de una manera no representativa. La idea era esbozar nuevos caminos: no sólo aquellos que se revelan en nuestros desplazamientos, sino también en nuestros movimientos.

Palabras clave: Cartografía; Dirección; Ruta; Experiencia; Brújula.

Abstract: The purpose of this paper is to present the development and reflections about the Cartographic Orientation Workshop, given to students from an elementary school in São João del-Rei. This workshop was developed by undergraduates in Geography from Federal University of São João del-Rei (UFSJ), during an internship. Besides working according to the principles of cartography, the workshop provides a teaching situation in which the proposed route also constituted in an experimentation that could sensitizing the students in a non-representative form.The idea was to delineate new pathways: not only those that were revealed by the displacements, but also by the auto displacements, movements.

Key-words: Cartography; Orientation, Route, Experience, Compass.

INTRODUÇÃO

"É preciso se colocar no lugar de um salto,
para perceber a região da liberdade."

Heidegger

O presente artigo tem como objetivo apresentar o desenvolvimento e as reflexões sobre a experiência vivida durante a realização da Oficina "Arte-aprendizagem do lugar: um ensaio sobre a orientação cartográfica", realizada por um grupo de alunos da primeira turma da disciplina Estágio Supervisionado do Curso de Geografia, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), durante o I Encontro de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado promovido pelo Departamento de Geociências.

A Oficina foi realizada porque queríamos pensar sobre uma situação-acontecimento em que as intenções de ensino fossem de experimentação, uma aventura para potencializar nossa ação sobre o mundo desde dentro de nós mesmos. Não queríamos simplesmente pensar numa estratégia melhor para adquirir um conhecimento.

A escola-experimentação, lugar de multiplicidades portadoras de devires (DELEUZE, 1992), precisa dos "costumes bárbaros", ou seja, de tudo que educa para o sensível, portanto, considerado inútil e bárbaro, como nos diz Lins e Pelbart (2004). Não se trata, ao propor a Oficina, de transformar o inútil em metodologia de ensino, mas de pensar que, ao considerado inútil/sensível, cabe uma pedagogia pobre, rizomática, molar, nômade e híbrida, em que o acontecer da experiência mobilizada, viva, constrói a realidade.

Nesse campo de experimentação instituinte, a Cartografia escolar pode recuperar sua potencialidade expressiva: a força plástica da vida pela poética da sua linguagem gráfica. As experiências-acontecimentos são situações em que os alunos podem deixar-se afetar pelos signos, por uma experimentação limite no seu devir-criança-aluno-adolescente, reconhecendo nos mapas um engenho inventado por eles próprios em suas descobertas do espaço, portanto, capazes de desmontar, criar e operar esse dispositivo com suas próprias regras de organização, funcionamento e conexões; sobretudo, para se manterem conectados de forma criativa às novas imagens dos espaços exigentes da lógica da produção e do consumo, para sobreviver às incertezas do cotidiano e às privações de partes de suas experiências subjetivas.

PARA DELEUZE, PENSAR É SEMPRE EXPERIMENTAR

A intenção era dar continuidade ao trabalho iniciado pela professora na sala de aula, porém, agora, com uma abordagem diferente, de forma que os alunos "vivenciassem na prática" os conceitos já aprendidos por eles. Isso era o que até então pensávamos. De tanto pensar de que forma os alunos da 6º ano poderiam "vivenciar na prática" os conceitos aprendidos em aula, acabamos por relembrar como nossos deslocamentos estão ligados à intensidade com que os experimentamos: não começamos por aprender o espaço circunscrito do modelo geométrico, mas o espaço onde nos ocorre viver a experiência, ou seja, a duração/temporalidade e a espacialidade que são constitutivas do deslocamento.

O lugar de onde desejamos falar sobre Orientação Cartográfica é o da superfície sensível, irregular e adimensional da Arte. Deslocarmo-nos nessa superfície de forma transversal, buscando pistas, rastros e vestígios que tencionem os conteúdos prescritos e desenvolvidos em sala de aula. Para quê? Para deixarmos que o mundo se apresente para nós. Para tanto, é preciso ver o mundo exterior a partir de ângulos inesperados que fazem as coisas e as palavras perderem as referências para transformar o mundo e, ao mesmo tempo, quem o vê; também, para nos tornarmos atentos. E assim, desde dentro de nós, *ex-pôr-se* **(HÁ ALGUMA INTENÇÃO COMUNICATIVA NESSA FORMA DE GRAFAR ESSA PALAVRA? A SÍLABA "POR" DE EXPOR, NÃO É ACENTUADA; MANTER A GRAFIA DA PALAVRA?**) à experiência do caminho, ao desconforto do abandono da ideia-imagem de Orientação Cartográfica e aos seus regimes de verdades.

Para Kastrup (2007), a política cognitiva da invenção seria a arte de aprender a se afetar com o mundo, de compartilhar experiências de problematização.

OS PONTOS CARDIAIS RECRIADOS POR MEIO DO TEXTO SENSÍVEL DO CAMINHO E DOS SEUS FRAGMENTOS

> *"O leste é onde nasce o Sol. Já o oeste é o local onde o Sol adormece, o norte representa o calor do meio-dia e o sul, o lugar em que a sombra incentiva o homem ao recolhimento e à meditação."*
>
> Bartolomeu Campos de Queirós

O nascer e o pôr do Sol, no poema narrativo de Bartolomeu Queirós (2011), são alegorias para retratar o ciclo da vida e do trabalho das pessoas. O trajeto que o Sol leva para percorrer o céu na verdade representa o tempo de semeadura e espera para colher os frutos.

Mesmo que a dimensão afetiva esteja subordinada à dimensão cognitiva, por que não confiar na memória, na atenção ao caminho, com o auxílio de todos os pontos cardeais, distraidamente, sem pistas previamente pensadas, sem mapa? Por que eliminar o risco como condição para que a cognição ocorra? Por que não experimentar a duração, sair de si, entrar em outros devires, outros ritmos? Por quê, além das condições estruturantes, não tratar a cognição pelo que ela possui de rizomático?

Em nossa Oficina, os alunos, divididos em grupos, receberiam uma bússola e um mapa do local a ser percorrido com roteiros diferentes, mas com pontos de chegada comuns. Em cada ponto marcado no mapa, os alunos de cada grupo deveriam anotar a posição dada pela bússola. Aprenderiam, repetindo o procedimento algumas vezes, a correspondência entre as indicações da bússola e a localização no mapa, relacionando as informações já recebidas em sala de aula. Essa prática permitiria automatizar processos, liberando espaço na memória operacional.

Nos percursos que realizamos em nosso cotidiano, estabelecemos alguns referenciais e vamos depositando em nossa memória de longo prazo cartografias até que, de olhos fechados, vamos e voltamos percorrendo as linhas imaginárias dos nossos mapas mentais.

Comunicamo-nos digital e analogicamente. A comunicação analógica é toda a comunicação não verbal: postura, gestos, expressão facial, inflexão de voz, sequência, ritmo, cadência de palavras. Essa comunicação não é exata, mas é mais rica que a comunicação digital, porque o corpo fala primeiro, sendo capaz de mapear o que está à sua volta. Já a comunicação digital é a troca de mensagens binárias. Um exemplo são os jogos de adivinhação em que as respostas são do tipo sim ou não.

Sabemos que um mapa só constitui um conjunto de símbolos se estes estiverem associados a ruas, praças ou avenidas que eles representam. Antes, é preciso que a localização do nosso corpo permita a associação entre o símbolo e seu referente (uma rua ou uma praça).

Também, utilizamo-nos, para pensar e nos comunicar, de formas poéticas criando metáforas para explicar a realidade, sobretudo as crianças. Isso porque criamos um território simbólico quando adquirimos a linguagem: a palavra, a expressão do corpo ou o desenho representam um objeto ou um conceito e, com base na associação, cria-se uma ideia, uma imagem, uma representação. O símbolo designa um tipo de signo em que o significante (realidade concreta) representa algo abstrato. Para os gregos, todos os meios que serviam de sinais eram genericamente chamados de símbolos.

É com as imagens mentais e a linguagem que pensamos sobre o que vemos, sentimos e ouvimos; formulamos teorias com o repertório de informações que possuímos e da observação que realizamos dos fenômenos. Esse processo está ligado à afetividade da criança que se coloca no centro da explicação. O pensamento é sincrético, uma espécie de conjunto caótico de elementos que vão se combinando, se diferenciando, para criar sentidos.

A fantasia é uma construção simbólica, ou seja, a criança se utiliza das metáforas para construí-la. Fantasia e conhecimento se constroem de maneiras diferentes e têm funções diferentes. A fantasia quebra a lógica do pensamento como se fosse uma passagem de ida e volta para nós mesmos. A realidade também é uma construção simbólica e, também, uma construção social e histórica.

EXPERIMENTAR É INVENTAR NOSSO PRÓPRIO DESERTO

Estas reflexões, no limite, nos levam a supor que um conteúdo desenvolvido de forma organizada e motivadora, com início, meio e fim, com professores envolvidos, pode ensejar a aprendizagem. Se entendemos o que foi explicado, aprendemos. E esse conteúdo vai para a memória de longo prazo. Nunca mais esquecemos. A escola socrático-platônica, há 2500 a.C., já preconizava esses aspectos como necessários para uma boa transmissão de conhecimentos.

Pensar implica relacionar informações do ambiente na memória operacional; depositar fatos e procedimentos na memória de longo prazo para disponibilizar espaço na memória operacional. Esse equacionamento possível e em prática na educação pública tem como fundamento a teoria cognitiva evolutiva da aprendizagem. Qual o problema, particularmente, para a Cartografia escolar como disciplina do currículo da Geografia? O que nossa Oficina poderia desenvolver fora ou nas bordas dessa dimensão socrático-platonista do pensamento ocidental?

O problema é identificar o pensamento à produção de modelos. À pedagogia cabe vibrações mais divertidas que estimulem a memória operacional, capacitando-a para as modelizações da realidade e preservando a busca, o imprevisível, a incerteza e o trabalho do sujeito sobre si mesmo contra o processo de subjetivação massificante da educação moderna (GALLO, 2007).

Esta identificação do pensamento com a capacidade de modelização da realidade implica a perda de nossos referenciais espaço-temporais que são constituintes da nossa percepção. Com isso, vamos perdendo a capacidade de perceber e de imaginar, de produzir imagens que conferem sentido à experiência. Estamos perdendo, também, nossa capacidade de simbolização, sem a qual nem o desejo nem o pensamento se realizam.

Quando todos os lugares do espaço geográfico parecem cada vez mais iguais, as linhas dos mapas que ensinamos nossos alunos percorrerem com os olhos têm que ser o exercício de aprender o que se pode olhar através deles para inventar o lugar da contra-hegemonia, da imaginação radical do possível.

Não somos apenas observadores do mundo: participamos dele. A razão, muitas vezes, nos faz esquecer a força plástica da vida. A Cartografia escolar está no currículo da Geografia para nos lembrar de que a certeza visual dos mapas advém da certeza da invisibilidade do mundo, do caráter contingente que certas Geografias atribuem ao espaço geográfico.

Nossa memória, diferente dos dispositivos que servem para estocar informações, inventa e conta estórias. Portanto, nossa memória não está sujeita à simples evocação de sinais e significantes. A memória tem que ser criadora de novos relatos e de novas significações. Foi, então, que nos lembramos do trabalho "Percurso – A Paisagem em transformação", da professora Zandra Miranda (2009), do Curso de Artes Aplicadas, habilitação em Cerâmica, da UFSJ.

A nossa Oficina iria além, inspirando-se no trabalho da professora Zandra. Iríamos valorizar o percurso, a prática do espaço: "a terra transformada em cerâmica" expressaria a memória do lugar. Escavaríamos a superfície até encontrar nossa intimidade com o lugar, nossa localização/(des)orientação, até interiorizá-lo, corporificá-lo, colocando entre parênteses as mediações das representações.

EXPERIMENTAR COMO SE AGENCIAM NOSSAS FORMAS DE PENSAR, SENTIR E AGIR

O mundo real de fora se faz desde o mundo real de dentro. Por isso, é preciso inventar trilhas, cicatrizes, outras trajetórias e desejos diferentes por meio de uma pedagogia mais plástica, flexível; de uma cognição corporificada, resultante de experiências que se inscrevem no corpo, e não só na mente.

Conhecer é produzir um mundo, desejá-lo ativamente. Corporificar o conhecimento significa agenciá-lo. Isto é, conectar fluxos e processos, constituir ou interferir em domínios simbólicos e linguísticos, produzir heterogêneses.

Para Milton Santos (2002), não há espaço sem mundo. Pedagogicamente, essa afirmação nos permite dizer que a mudança constante de foco do mundo inundado de informações por meio das imagens implica dispersão da nossa atenção e não nos permite aprender a arte de deixar-se afetar pelo mundo. A atividade de aprender o espaço não pode subjugar o afeto, a brincadeira, o nosso mundo.

Segundo Kastrup, Tedesco e Passos (2008, p. 101), o domínio cognitivo não é um "domínio de representações, mas um domínio experiencial e emerge das interações e dos acoplamentos do organismo".

A representação é uma maquinaria que produz o mundo como um texto, uma ficção, um modelo. Os instrumentos servem como suporte ou, ainda, para conformar os corpos ao mundo da ficção, do texto, do modelo. Nesse movimento, os corpos individuais são transformados em corpos sociais unidos por uma linguagem objetiva que organiza o espaço.

DA CONDIÇÃO ESTRUTURAL À DERIVA RIZOMÁTICA

O Encontro de Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado tinha como principal objetivo socializar experiências entre os alunos que estavam realizando estágio nas escolas de ensino básico de São João del-Rei. A turma de alunos escolhida para realizar a Oficina já vinha sendo observada por nós, estagiárias. A professora dessa classe lecionava em três turmas de sexto ano, o que significa em torno de noventa alunos. Em razão da inviabilidade de se trabalhar com as três turmas nessa Oficina, foi acordado um sorteio.

A professora da escola já desenvolvia várias atividades cartográficas durante as aulas com esses alunos. Todos os alunos das turmas do Ensino Fundamental que foram acompanhadas possuíam como material de apoio às aulas de Cartografia um "Caderno de Mapas", que foi elaborado pela professora a partir de outros cadernos de mapas, o qual tinha como objetivo oferecer um suporte para os alunos. Essa adaptação foi necessária para que os alunos pudessem ter acesso a esse material em razão da diminuição do seu custo. As atividades concentravam-se, principalmente, em colorir os mapas e realizar alguns exercícios de localização, coordenadas geográficas etc.

Participaram da Oficina de Cartografia 25 alunos divididos em cinco grupos. Cada grupo foi acompanhado por um estagiário da disciplina Estágio Supervisionado I, por outro aluno voluntário da licenciatura para apoio, além de outro para o registro no caderno de campo do que ia acontecendo. Os materiais utilizados na Oficina foram: uma bússola, um mapa do *campus* da UFSJ, que foi elaborado previamente, e placas de cerâmica.

O trajeto no *campus* foi escolhido para que sua extensão permitisse que os "dedos dos pés ficassem de orelha em pé para escutar" como sugere Nietzsche (2012, prólogo, parágrafo 59). A ideia era fazer uma caminhada por trilhas definidas em um mapa com uma bússola. Com um silêncio superlotado de ruídos, em cada ponto marcado no mapa deixar o nosso corpo ficar infuso nas cores, nos cheiros, nos ruídos, nas texturas do lugar; sobretudo, porque não estávamos a fazer um exercício pedagógico, mas uma experimentação.

Figura 1: Momento em que os estagiários explicavam aos alunos a atividade proposta



Fonte: Lígia Maria Brochado de Aguiar.

A bússola teve o objetivo de ajudar os alunos a se orientarem no espaço, juntamente com o auxílio do mapa no qual foram marcados os pontos que iríamos fornecer. Nesses pontos, os alunos deveriam recolher objetos, como folhas, flores, gravetos, rochas, algo que os auxiliasse a, posteriormente, reconstruir o trajeto que haviam feito. Para Miranda (2008, p. 23), "o ato de caminhar representa um ato fundador: da percepção direta da paisagem surgem elaborações mentais e formais que buscam conhecê-la em todas as suas camadas de profundidade".

Foram marcados pontos distantes um dos outros, e a cada ponto era dada a informação, pelo estagiário, sobre qual sentido deveriam seguir para chegar ao próximo ponto que estava marcado no mapa. Por exemplo, seguir a noroeste, chegando ao próximo destino, a partir da leitura do mapa e da direção indicada.

Depois de passados todos os pontos, os alunos foram levados para o Laboratório de Ensino de Geografia, para que pudessem aplicar os objetos recolhidos nas placas de cerâmica. Os alunos deveriam aplicar os materiais em cima das placas e esperar alguns instantes, a fim de que as placas ficassem com a marca, o vestígio do que foi recolhido em cada ponto.

A ideia que estávamos trabalhando era a de que o domínio cognitivo não é um domínio de representações, mas um domínio experimental de interações e de acoplamentos com o meio. A representação assim enfraquecida, subvertida como resultante da invenção, não está submetida a um regime de verdade, apresentando-se como um caso particular de enação, ou seja, de representação que nesse contexto opera segundo regularidades que são criadas sem referentes únicos ou fixos que lhe sirvam de fundamento.

A experiência vivida pode ser elucidada a partir da afirmação feita por Miranda (2008, p. 14):

> No desenvolvimento destes relevos gravados a paisagem é reconstruída como um registro matérico. A matéria é testemunha da paisagem, reduto da memória local, e o acúmulo de substâncias das coisas vivas e inertes, em sucessivas camadas, testemunha os ciclos naturais. O olhar artístico captura estes fragmentos matéricos, de origem vegetal, animal e mineral, e os transforma através de diversos processos de apropriação, transferência e finalmente de transmutação nos processos de queima. Esta prática é regida por uma lógica intrínseca que combina o pensamento racional e o intuitivo – duas formas complementares de saber. Este conhecimento é marcado por um experimentalismo muitas vezes tateante e errático, mas que não falha em reconhecer os resultados desejados quando os alcança.

Observamos que as meninas recolheram materiais como flores, folhas e sementes. Já os meninos escolheram mais rochas e gravetos. A montagem das placas também foi feita pelos alunos com o auxílio dos estagiários, conforme a Figura 2.

Figura 2: Montagem das placas de cerâmica no laboratório



Fonte: Lígia Maria Brochado de Aguiar.

Durante a atividade, os alunos demonstraram bastante entusiasmo, tanto pelo fato de participarem de uma atividade fora do ambiente escolar como também por relacionarem os conteúdos ensinados na sala com o percurso que realizaram. Aos poucos, silenciosos, mais devagar, os alunos parecem "tomar posse dos lugares que percorrem", registra o estagiário em seu caderno de campo. É como se o "fora" se configurasse desde "dentro de nós" para ser

passagem de um dentro a outro. “O espaço é apreendido pela criança através de brincadeiras ou de outras formas de percorrê-lo, delimitá-lo ou organizá-lo segundo seus interesses” (ALMEIDA; PASSINI, 2008, p. 26).

A Oficina teve a duração de três horas aproximadamente. A aplicação nas placas de cerâmicas dos objetos recolhidos durante o percurso, além da curiosidade despertada, foi realizada com suavidade e sem pressa para que não se quebrassem. Os alunos estagiários não procuraram induzir os alunos a qualquer conclusão da atividade, mas foi inevitável ouvir comentários como “essa semente eu peguei perto de uma árvore que fica ao norte”, ou num ponto bem alto do percurso, em que “avistamos a cidade quase que inteira”, ouvir: “meu grupo está a oeste da escola”, frases que envolvem a apreensão da estruturação do espaço concebido e sua representação gráfica.

Saramago (2013, p. 83), em *A Caverna*, fala assim:

> O cérebro da cabeça andou toda a vida atrasado em relação às mãos, e mesmo nestes tempos, quando nos parece que passou à frente delas, ainda são os dedos que têm de lhe explicar as investigações do tato, o estremecimento da epiderme ao tocar o barro, a dilaceração aguda do cinzel, a mordedura do ácido na chapa, a vibração sutil de uma folha de papel estendida, a orografia das texturas, o entremeado das fibras, o abecedário em relevo do mundo.

Para muitos, as placas de cerâmica eram como se fossem uma “recordação daquele dia na Universidade”, sobretudo a relação entre a atividade realizada e o lugar. Essa intimidade com o “fora”, com o exterior, com o tempo imaginário da recordação, faz surgir de novo a caminhada, a experiência com o nosso deserto que ainda não é o tempo nem é o espaço. Experimentar o “fora” é tornar-se errante para encontrar o inesperado espaço do lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A satisfação foi muito grande, pois oficinas como essas são pouco frequentes até mesmo em cursos de licenciaturas. Atividades em que a afetividade não está subordinada à cognição não são muito recorrentes na escola básica. São raras as situações em que nos colocamos em deriva rizomática com nossos alunos. Ocorre, então, que, na escola, fica difícil a emergência de territórios existenciais, a compreensão de outras formas de se relacionar com o conhecimento. A pedagogia, por meio de suas práticas, “disciplina a forma como o mundo deve ser visto, sentido e como se deve agir e falar sobre ele” (POPKEWITZ, 1997, p. 22).

O I Encontro de Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado tinha como objetivo aproximar, estabelecer vizinhanças. No fundo, nosso desejo era nos deixar contagiar e, também, nos contaminar por experiências que não deixassem a “criança para trás”.

Acreditamos que experiências como estas diluem as fronteiras entre a Geografia e a Arte, e entre os seres e os seus fazeres. Sobretudo, observamos que, nas intrigantes linhas de modulação de um rizoma, é possível pegar a onda de um movimento mais profundo: sair do território é aventurar-se, “colocar-se no lugar de um salto, para perceber a região da liberdade”; também, desdobrar-se, deixar-se vir à superfície.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Rosangela Doin; PASSINI, Elza Yasuko. **Espaço Geográfico**: ensino e representação. São Paulo: Contexto, 2008.

DELEUZE**,** Gilles. **Conversações.** São Paulo: 34, 1992.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Filosofia**. Aula proferida no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. (Parte 1,)

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____; TEDESCO, Sílvia; PASSOS, Eduardo. **Políticas da Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LINS, Daniel; PELBART, Peter Pál (Orgs.). **Nietzsche e Deleuze**: bárbaros, civilizados. São Paulo: Annablume, 2004.

MIRANDA**,** Zandra Coelho de. **Impressões em cerâmica**: convite ao encontro caótico entre a cerâmica, a gravura e o fogo. 2008. Tese (Doutorado em Artes Visuais) Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008**.**

_____. **Percurso**. A paisagem em transformação. Exposição. Curso de Artes Aplicadas. Centro Cultural da Universidade Federal de São João del-Rei, 2009.

NIETZSCHE**,** Friedrich. **A Gaia Ciência**. Prólogo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

POPKEWITZ, Thomas, S. **Reforma educacional**: uma política sociológica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Rosa dos Ventos**. São Paulo: Global, 2011.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Stúdio Nobel, 2002.

SARAMAGO, José. **A Caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.